

# Cão sem plumas

## I. Paisagem do Capibaribe

A cidade é passada pelo rio  
como uma rua  
é passada por um cachorro;  
uma fruta  
por uma espada.

O rio ora lembrava  
a língua mansa de um cão,  
ora o ventre triste de um cão,  
ora o outro rio  
de aquoso pano sujo  
dos olhos de um cão.

Aquele rio  
era como um cão sem plumas.  
Nada sabia da chuva azul,  
da fonte cor-de-rosa,  
da água do copo de água,  
da água de cântaro,  
dos peixes de água,  
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos  
de lodo e ferrugem.  
Sabia da lama  
como de uma mucosa.  
Devia saber dos polvos.  
Sabia seguramente  
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele rio

jamais se abre aos peixes,  
ao brilho,  
à inquietação de faca  
que há nos peixes.  
Jamais se abre em peixes.

Abre-se em flores  
pobres e negras  
como negros.  
Abre-se numa flora  
suja e mais mendiga  
como são os mendigos negros.  
Abre-se em mangues  
de folhas duras e crespos  
como um negro.

Liso como o ventre  
de uma cadela fecunda,  
o rio cresce  
sem nunca explodir.  
Tem, o rio,  
um parto fluente e invertebrado  
como o de uma cadela.

E jamais o vi ferver  
(como ferveo pão que fermenta).  
Em silêncio,  
o rio carrega sua fecundidade pobre,  
grávido de terra negra.

Em silêncio se dá:  
em capas de terra negra,  
em botinas ou luvas de terra negra  
para o pé ou a mão  
que mergulha.

Como às vezes  
passa com os cães,  
parecia o rio estagnar-se.  
Suas águas fluíam então  
mais densas e mornas;  
fluíam com as ondas  
densas e mornas  
de uma cobra.

Ele tinha algo, então,  
da estagnação de um louco.  
Algo da estagnação  
do hospital, da penitenciária, dos asilos,  
da vida suja e abafada  
(de roupa suja e abafada)  
por onde se veio arrastando.

Algo da estagnação  
dos palácios cariados,  
comidos  
de mofo e erva-de-passarinho.  
Algo da estagnação  
das árvores obesas  
pingando os mil açúcares  
das salas de jantar pernambucanas,  
por onde se veio arrastando.

(É nelas,  
mas de costas para o rio,  
que "as grandes famílias espirituais" da cidade  
chocam os ovos gordos  
de sua prosa.  
Na paz redonda das cozinhas,  
ei-las a revolver viciosamente  
seus caldeirões  
de preguiça viscosa).

Seria a água daquele rio  
fruta de alguma árvore?  
Por que parecia aquela  
uma água madura?  
Por que sobre ela, sempre,  
como que iam pousar moscas?

Aquele rio  
saltou alegre em alguma parte?  
Foi canção ou fonte  
Em alguma parte?  
Por que então seus olhos  
vinham pintados de azul  
nos mapas?

## **II. Paisagem do Capibaribe**

Entre a paisagem  
o rio fluía  
como uma espada de líquido espesso.  
Como um cão  
humilde e espesso.

Entre a paisagem  
(fluía)  
de homens plantados na lama;  
de casas de lama  
plantadas em ilhas  
coaguladas na lama;  
paisagem de anfíbios  
de lama e lama.

Como o rio  
aqueles homens

são como cães sem plumas  
(um cão sem plumas  
é mais  
que um cão saqueado;  
é mais  
que um cão assassinado.

Um cão sem plumas  
é quando uma árvore sem voz.  
É quando de um pássaro  
suas raízes no ar.  
É quando a alguma coisa  
roem tão fundo  
até o que não tem).

O rio sabia  
daqueles homens sem plumas.  
Sabia  
de suas barbas expostas,  
de seu doloroso cabelo  
de camarão e estopa.

Ele sabia também  
dos grandes galpões da beira dos cais  
(onde tudo  
é uma imensa porta  
sem portas)  
escancarados  
aos horizontes que cheiram a gasolina.

E sabia  
da magra cidade de rolha,  
onde homens ossudos,  
onde pontes, sobrados ossudos  
(vão todos  
vestidos de brim)

secam  
até sua mais funda caliça.

Mas ele conhecia melhor  
os homens sem pluma.

Estes  
secam  
ainda mais além  
de sua caliça extrema;  
ainda mais além  
de sua palha;  
mais além  
da palha de seu chapéu;  
mais além  
até  
da camisa que não têm;  
muito mais além do nome  
mesmo escrito na folha  
do papel mais seco.

Porque é na água do rio  
que eles se perdem  
(lentamente  
e sem dente).  
Ali se perdem  
(como uma agulha não se perde).  
Ali se perdem  
(como um relógio não se quebra).

Ali se perdem  
como um espelho não se quebra.  
Ali se perdem  
como se perde a água derramada:  
sem o dente seco  
com que de repente  
num homem se rompe

o fio de homem.

Na água do rio,  
lentamente,  
se vão perdendo  
em lama; numa lama  
que pouco a pouco  
também não pode falar:  
que pouco a pouco  
ganha os gestos defuntos  
da lama;  
o sangue de goma,  
o olho paralítico  
da lama.

Na paisagem do rio  
difícil é saber  
onde começa o rio;  
onde a lama  
começa do rio;  
onde a terra  
começa da lama;  
onde o homem,  
onde a pele  
começa da lama;  
onde começa o homem  
naquele homem.

Difícil é saber  
se aquele homem  
já não está  
mais aquém do homem;  
mais aquém do homem  
ao menos capaz de roer  
os ossos do ofício;  
capaz de sangrar

na praça;  
capaz de gritar  
se a moenda lhe mastiga o braço;  
capaz  
de ter a vida mastigada  
e não apenas  
dissolvida  
(naquela água macia  
que amolece seus ossos  
como amoleceu as pedras).

### **III. Fábula do Capibaribe**

A cidade é fecundada  
por aquela espada  
que se derrama,  
por aquela  
úmida gengiva de espada.

No extremo do rio  
o mar se estendia,  
como camisa ou lençol,  
sobre seus esqueletos  
de areia lavada.

(Como o rio era um cachorro,  
o mar podia ser uma bandeira  
azul e branca  
desdobrada  
no extremo do curso  
— ou do mastro — do rio.

Uma bandeira  
que tivesse dentes:  
que o mar está sempre



com seus dentes e seu sabão  
roendo suas praias.

Uma bandeira  
que tivesse dentes:  
como um poeta puro  
polindo esqueletos,  
como um roedor puro,  
um polícia puro  
elaborando esqueletos,  
o mar,  
com afã,  
está sempre outra vez lavando  
seu puro esqueleto de areia.

O mar e seu incenso,  
o mar e seus ácidos,  
o mar e a boca de seus ácidos,  
o mar e seu estômago  
que come e se come,  
o mar e sua carne  
vidrada, de estátua,  
seu silêncio, alcançado  
à custa de sempre dizer  
a mesma coisa,  
o mar e seu tão puro  
professor de geometria).

O rio teme aquele mar  
como um cachorro  
teme uma porta entretanto aberta,  
como um mendigo,  
a igreja aparentemente aberta.

Primeiro,  
o mar devolve o rio.

Fecha o mar ao rio  
seus brancos lençóis.

O mar se fecha  
a tudo o que no rio  
são flores de terra,  
imagem de cão ou mendigo.

Depois,  
o mar invade o rio.  
Quer  
o mar  
destruir no rio  
suas flores de terra inchada,  
tudo o que nessa terra  
pode crescer e explodir,  
como uma ilha,  
uma fruta.

Mas antes de ir ao mar  
o rio se detém  
em mangues de água parada.  
Junta-se o rio  
a outros rios  
numa laguna, em pântanos  
onde, fria, a vida ferve.

Junta-se o rio  
a outros rios.  
Juntos,  
todos os rios  
preparam sua luta  
de água parada,  
sua luta  
de fruta parada.

(Como o rio era um cachorro,

como o mar era uma bandeira,  
aqueles mangues  
são uma enorme fruta:

A mesma máquina  
paciente e útil  
de uma fruta;  
a mesma força  
invencível e anônima  
de uma fruta  
— trabalhando ainda seu açúcar  
depois de cortada —.

Como gota a gota  
até o açúcar,  
gota a gota  
até as coroas de terra;  
como gota a gota  
até uma nova planta,  
gota a gota  
até as ilhas súbitas  
aflorando alegres).

#### **IV. Discurso do Capibaribe**

Aquele rio  
está na memória  
como um cão vivo  
dentro de uma sala.  
Como um cão vivo  
dentro de um bolso.  
Como um cão vivo  
debaixo dos lençóis,  
debaixo da camisa,  
da pele.

Um cão, porque vive,  
é agudo.

O que vive  
não entorpece.

O que vive fere.

O homem,  
porque vive,  
choca com o que vive.

Viver  
é ir entre o que vive.

O que vive  
incomoda de vida  
o silêncio, o sono, o corpo  
que sonhou cortar-se  
roupas de nuvens.  
O que vive choca,  
tem dentes, arestas, é espesso.  
O que vive é espesso  
como um cão, um homem,  
como aquele rio.

Como todo o real  
é espesso.  
Aquele rio  
é espesso e real.  
Como uma maçã  
é espessa.  
Como um cachorro  
é mais espesso do que uma maçã.  
Como é mais espesso  
o sangue do cachorro  
do que o próprio cachorro.  
Como é mais espesso  
um homem

do que o sangue de um cachorro.  
Como é muito mais espesso  
o sangue de um homem  
do que o sonho de um homem.

    Espesso  
    como uma maçã é espessa.  
    Como uma maçã  
    é muito mais espessa  
    se um homem a come  
do que se um homem a vê.  
    Como é ainda mais espessa  
    se a fome a come.  
Como é ainda muito mais espessa  
se não a pode comer  
a fome que a vê.

    Aquele rio  
    é espesso  
    como o real mais espesso.  
    Espesso  
    por sua paisagem espessa,  
    onde a fome  
estende seus batalhões de secretas  
e íntimas formigas.

    E espesso  
    por sua fábula espessa;  
    pelo fluir  
    de suas geléias de terra;  
    ao parir  
suas ilhas negras de terra.

    Porque é muito mais espessa  
    a vida que se desdobra  
    em mais vida,

como uma fruta  
é mais espessa  
que sua flor;  
como a árvore  
é mais espessa  
que sua semente;  
como a flor  
é mais espessa  
que sua árvore,  
etc. etc.

Espesso,  
porque é mais espessa  
a vida que se luta  
cada dia,  
o dia que se adquire  
cada dia  
(como uma ave  
que vai cada segundo  
conquistando seu vôo).

**João Cabral de Melo Neto**